

A leitura é um desejo político

Júlio Diniz

Espalham-se por todo o país ações, projetos e programas nas áreas de educação e cultura voltados para a leitura. São, *a priori*, tentativas muito bem intencionadas, e às vezes bem sucedidas, de fazer com que o aluno se interesse pelo texto escrito, pelo livro. Professores, bibliotecários, pais e estudantes, entre outros, envolvem-se em ações que vão das campanhas de coleta e doação de livros até as visitas a feiras e bienais. Se há tanta vontade pairando no ar, se há tanto desejo de nos transformar em um país de leitores, por que a leitura não deixa de ser um tema estritamente escolar e passa a ocupar também o imaginário de outros espaços, como fábricas, rodoviárias, shoppings e clubes? Por que as práticas leitoras não se livram do aprisionamento acadêmico e ganham as ruas como uma vontade de afirmação do humano, como condição identitária do brasileiro de nossos dias, como potência da própria vida?

A leitura é um desejo da *polis*. A inserção do homem moderno no mundo tecnizado tem na sua capacidade de compreender, interpretar e transformar a ferramenta fundamental de construção da cultura e representação de seus bens materiais e imateriais. A noção de leitura aqui esboçada não diz respeito a uma concepção estrita do ato de ler como um mero exercício de decodificação de signos escritos. A leitura do mundo, como enuncia Paulo Freire, é anterior à leitura do texto. Leitor e eleitor, além de uma rima, podem ser uma solução. Solução para quê? Não é, com certeza, uma mera fórmula esvaziada pelo clichê da retórica populista. Nem uma crença essencialista de que a leitura nos salva das trevas, nos redime da culpa, nos transforma em melhores cidadãos. Ser um bom leitor/eleitor, para a argumentação aqui exposta, não se reduz à idéia de um devorador de livros que acumula informação, tradição e repertório

cultural, sem fazer do saber estocado ferramenta de transformação da sociedade e produção de novas subjetividades. É bom lembrar que um devorador de livros, além de letras, pode também devorar traças.

A leitura pressupõe uma ação política, um projeto coletivo, um desejo social de poder se reconhecer naquilo que inventa e perpetua, naquilo que lembra e esquece, naquilo que constrói e destrói. Saber e sabor, palavras de mesma etimologia, definem a vontade humana de dar sentido à vida no seu *undiscovered country*, de buscar motivo para o exercício de busca de si e do outro. Num mundo marcado pelo império dos signos e pela superposição de linguagens, ser leitor requer um exercício de compreensão do hibridismo que marca o nosso tempo. Ser leitor é estar constantemente envolvido em uma “guerra de relatos”, seduzido por uma rede incessante de novas informações, concebido como um corpo composto por palavras, sons, imagens e movimentos. A capacidade crítica de que o homem contemporâneo necessita para dar conta dos espaços da realidade e da virtualidade é a base de uma concepção de leitura em consonância com as grandes transformações de nossa contemporaneidade.

Ler as cidades, cenário fundacional da modernidade, como um teatro de concepção e representação de múltiplas linguagens, aproxima o leitor de nossa época à imagem do viajante. O leitor, como um estrangeiro que atravessa limites e se afirma na assimilação do outro, erra não só no labirinto da biblioteca como também na tela do computador, no palco das representações, na projeção da imagem e na sala de aula. Socializar a leitura implica um diálogo entre discursos, uma aproximação das artes, uma concepção abrangente de cidadania, um desejo político de transformação.

Dois programas que tratam a leitura como estratégia e não só como conceito merecem destaque. O primeiro já está na sua décima primeira edição. Trata-se da Jornada de Literatura de Passo Fundo, pequena cidade do Rio de Grande do Sul, que se transforma na

capital brasileira e latino-americana da leitura. Coordenado pela Professora Tânia Rösing, o evento agrega quase quinze mil pessoas, entre escritores, atores, artistas plásticos, músicos, críticos, jornalistas, professores e alunos. A periodicidade de dois anos possibilita a preparação e execução da Pré-Jornada, um conjunto de atividades que envolve o público leitor e lhe dá condições de se preparar adequadamente para o evento, lendo, discutindo, analisando e vivenciando o tema da Jornada.

O segundo programa que concebeu e pôs em prática um eficiente projeto de formação de leitores e disseminação da leitura é o Leia Brasil, ONG presidida por Jason Prado, com sede no Rio de Janeiro. Com anos de tradição na área, o Leia Brasil, através de suas inúmeras e estratégicas parcerias – Petrobras, Ampla, Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e Cultura – entre outras, ocupa um importante espaço de fomento à discussão de novas práticas leitoras, aproximando especialistas, escritores e criadores em geral com comunidades de leitores espalhadas pelo Brasil.

Os exemplos citados acima, dentre as várias iniciativas realmente propositivas que surgem no país, são experiências consolidadas importantes se quisermos levar a discussão de leitura para o campo das práticas políticas em uma sociedade democrática. As Jornadas de Literatura de Passo Fundo e o trabalho da ONG Leia Brasil reafirmam o compromisso com a pluralidade, respeitando as diferenças locais e regionais, propõem novas estratégias para tratar de um velho tema e obtêm resultados animadores. Há muito ainda o que se fazer, ouvimos isso há pelo menos cinco séculos. Mas o desejo da leitura sem a vontade política não nos ajudará em nada na busca de uma sociedade, no mínimo, mais humana.